



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

SAYONARA LIMA DAWSLEY

A LINGUAGEM SIMBÓLICA COMO METÁFORA EM
***O DESPERTAR* DE KATE CHOPIN**

Guarabira/PB
Dezembro – 2010

SAYONARA LIMA DAWSLEY

**A LINGUAGEM SIMBÓLICA COMO METÁFORA EM
*O DESPERTAR DE KATE CHOPIN***

Artigo apresentado à Coordenação Do Curso de Licenciatura Plena em Letras, habilitação Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras, habilitação Inglês.

Orientadora: Prof^a Dra. Sueli Meira Liebig

Guarabira/PB
Dezembro – 2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

D272I Dawsley, Sayonara Lima

A linguagem simbólica como metáfora em O Despertar de
Kater Chopin / Sayonara Lima Dawsley. – Guarabira: UEPB,
2010.

30f.

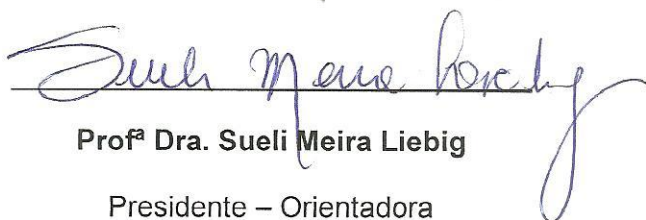
Artigo Científico (Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Sueli Meira Liebig”.

SAYONARA LIMA DAWSLEY

**A LINGUAGEM SIMBÓLICA COMO METÁFORA EM
O DESPERTAR DE KATE CHOPIN**

COMISSÃO EXAMINADORA


Profª Dra. Sueli Meira Liebig
Presidente – Orientadora


Prof Ms . Suênio Stevenson Tomaz da Silva
Primeiro Membro


Prof. Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade
Segundo Membro

Aprovada em 14 de 12 de 2010

GUARABIRA/PB

2010

A LINGUAGEM SIMBÓLICA COMO METÁFORA EM O DESPERTAR DE KATE CHOPIN

RESUMO

Este trabalho consiste numa leitura semântico-interpretativa do romance *The Awakening* (1899), traduzido como *O despertar*, da escritora norte-americana Kate Chopin (1851-1904). Temos como objetivo principal a investigação dos elementos simbólicos que influenciaram na construção do discurso da protagonista. A fundamentação teórica busca sustentação na psicologia Junguiana (1978) e, do ponto de vista da simbologia, nas visões de David Fontana (2010) e Mircea Eliade (1992). Partindo de uma abordagem do contexto social da Era Vitoriana, época em que viveu Kate Chopin, fazemos uma explanação da autora como feminista, passando à análise dos elementos simbólicos que influenciaram no discurso da protagonista e por fim demonstramos como a simbologia evidenciada nos discursos das personagens metaforizaram a construção da personagem analisada, Edna Pontellier, como agente do seu próprio discurso.

Palavras-chave: Linguagem Simbólica. Metáfora. O Despertar. Edna Pontellier. Feminismo.

ABSTRACT

This research work consists of an interpretative semantically reading of the novel *The Awakening* (1899), by the North-American writer Kate Chopin (1851-1904). Our main objective is the investigation of the symbolic elements that influenced in the construction of the protagonist's discourse. The theoretical basis for this analysis finds support in the Jungian psychology (1978) and, from the viewpoint of symbology, in studies by David Fontana (2010) and Mircea Eliade (1992). Focusing on an approach of the Victorian Age, epoch in which Chopin lived, we perform an explanation of the author as a feminist, undergoing the analysis of the symbolic elements that influenced the protagonist's discourse, then we eventually demonstrate how the symbology evinced in the characters' discourse metaphorize the construction of the analyzed heroin, Edna Pontellier', as an agent of her own discourse.

Key words: Symbolic Language. Metaphor. The Awakening. Edna Pontellier. Feminism.

INTRODUÇÃO

A presente investigação objetiva uma leitura semântico-interpretativa do romance *The Awakening* (1899), traduzido como *O despertar*, da escritora norte-americana Kate Chopin (1851-1904). Nossa proposta focaliza a investigação dos elementos simbólicos que influenciaram na construção do enredo e do discurso das personagens criadas por Chopin.

O romance nos permite uma análise das distintas vozes que se enunciam no texto através das metáforas que o subjazem, centrando-se em torno da protagonista Edna Pontellier, esposa e mãe, que vive em uma sociedade conservadora e possui uma vida agradável, inserida no espaço doméstico típico da aristocracia *Creole*¹ dos Estados Unidos. A personagem passa por um processo de despertar existencial, ao diluir seu mundo interior através do banho que toma à noite no mar, e de onde sai completamente renovada. A tentativa da Sr^a. Pontellier de se construir como sujeito, isto é, de ter a capacidade de enunciar seu próprio discurso, é mediada pelos discursos que a cercam através dos símbolos que se constroem no decorrer da narrativa.

Kate Chopin foi uma mulher à frente de seu tempo, dona de uma escrita elaborada, pela forma ousada e pelo conteúdo, bastante polêmico. Através da protagonista, a autora expõe sua escrita de viés feminista de forma determinada e desconstrói os valores culturais, sociais e morais da época através do seu comportamento atípico. Chopin se preocupa com descrições dos ambientes o suficiente para colaborar na construção emocional dos personagens, que será um dos objetos de reflexão neste trabalho.

Observando o desenrolar da trama e as atividades discursivas que posicionam as personagens, buscamos uma análise dos elementos simbólicos utilizados na sua construção, explanando as suas representações alegóricas. O desenvolvimento do tema discute a construção das metáforas que organizam a linguagem em vetores simbólicos que interferem na trajetória discursiva das

¹ O termo crioulo/a (creoles em inglês) é designado aos descendentes de franceses ou espanhóis, nascidos na América do Norte, especialmente na Louisiana.

personagens, notadamente de Edna Pontellier. A discussão é centrada na heroína, cujas ações e atitudes são analisadas do ponto de vista da psicologia Jungiana (1978) e, do ponto de vista da simbologia, nas visões de David Fontana (2010) e Mircea Eliade (1992). Este estudo, portanto, pretende interpretar a trajetória da personagem Edna Pontellier em busca da enunciação do seu próprio discurso, buscar as representações metafóricas dos conflitos existentes na trama, analisar outras marcas simbólicas ou vozes que tecem seus respectivos discursos, e, por fim, dar vazão aos questionamentos existenciais proporcionados pela alta carga simbólica da obra.

KATE CHOPIN NO CONTEXTO DA SOCIEDADE VITORIANA

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

Simone de Beauvoir

Durante muito tempo ocorreu uma dissimetria das palavras e imagens que diferenciavam o espaço masculino do espaço feminino. Segundo Michelle Perrot, “a idéia de que a natureza das mulheres as destine ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas” (PERROT, 1998, p. 59). O que se encontrava na narrativa historiográfica era parte de uma sedimentação seletiva, ou seja, a ausência da história das mulheres e o silêncio delas e sobre elas. De um lado temos a ascensão da mulher no campo político, econômico e social, buscada com perseverança pelo movimento feminista, embora alguns espaços como o religioso fuja à inserção das mulheres. A irrupção de sua presença e voz em locais que lhe eram até certo momento proibidos - pois apenas poderia transitar livremente dentro de certas esferas, como as de mãe, dona-de-casa e esposa - hoje atravessaram essas barreiras dividindo papéis, tarefas e espaços; a mulher além de possuir uma história, atualmente faz a sua própria história.

O estudo da obra em análise nos remete à gloriosa Era Vitoriana, um período histórico transcendental, que se inicia em 1837, notadamente com a coroação da rainha Vitória, e tem seu fim em 1901 com a morte da soberana. Apesar de cheio de

contrastes e contradições, ele foi um período de intensa criatividade literária, que fez surgir escritores preocupados com a moral da sociedade, baseando-se na ética protestante. Logo as virtudes vitorianas (a disciplina, a retidão, a seriedade, o trabalho árduo, entre outras) seriam vinculadas à postura moral.

Os papéis sociais de homens, mulheres e crianças durante o século XIX eram bem definidos e permaneciam inalterados. Em geral, o homem possuía a virtude, a moralidade, a honestidade e a retidão, em oposição à imagem da mulher, que era acoplada à de um ser sensível, emotivo e fraco. Esta característica fundamental daquele tempo revela de forma transparente o retrato da situação das mulheres. Neste contexto, a esfera pública foi dominada pela figura masculina e a esfera privada pela figura feminina. É por isso que não só vamos encontrar vozes que tentaram denunciar uma situação social injusta, mas também aquelas, a maioria de figuras masculinas, que tentaram afogar e silenciar a igualdade natural entre homem e mulher, a fim de manter a tradição patriarcal na estrutura hierárquica da sociedade.

Durante a Revolução Industrial a mulher emergiu para a esfera pública. Logo, uma nova situação surgiu quando as leis de proteção civil questionaram a validade da divisão do trabalho, exigindo a redefinição dos papéis de cada sexo. Em meados do século XIX começa a luta pela igualdade de direitos para as mulheres na sociedade, num período em que a poderosa figura feminina era a rainha Vitória. Foi ²neste período em 1857, que a primeira lei do divórcio foi aceita na Inglaterra, devido aos crescentes atos de adultério praticados pelos homens. Estes recorriam aos bordéis em busca do prazer sexual que era banido dentro do casamento. À mulher casada não era dado tal direito, sendo ainda considerada incapaz e dependente da figura masculina, numa total negligência dos seus direitos civis.

Assim, criou-se um vínculo indissociável entre desejo sexual e moral, e de retenção e supressão das fêmeas. De fato, a expressão "anjo da casa"² se tornou

² A expressão 'The Angel in the house' veio ser usado como referência às mulheres designadas ao ideal de feminidade vitoriana, sendo utilizada pela crítica feminista Elaine Showalter.

uma conhecida descrição para o papel passivo esperado de uma mulher durante o período vitoriano. A sociedade da época tinha a mulher com uma força poderosa, por viver num mundo secreto/oculto tendo um segredo. O sacrifício da repressão sexual e a apresentação desta mulher angelical que vive para proteger a sua família e a sua casa foram contrastados pelo egoísmo e pelo adultério do marido. No final daquele século, as representações da mulher na arte e na literatura mudaram de idealização, centrando sua atenção no aviltamento da mulher.

KATE CHOPIN, A FEMINISTA

O contexto histórico em que está inserida a autora Kate Chopin, a “Era Vitoriana”³ é um período de grandes avanços nos campos filosófico, científico, literário, tecnológico e político, ao mesmo tempo em que é uma época de tensão entre o moderno e a tradição, a religião e as ciências. A sociedade vitoriana era traçada por um comportamento moralmente rígido e marcado principalmente pelo patriarcado. Conforme Flávia Morais,

As virtudes vitorianas eram especificamente vinculadas à postura moral, entendendo-se moral como o conjunto de respostas, tanto emocionais como intelectuais, a um processo histórico permeado por crises, revoluções e avanços científicos. Eram consideradas virtudes, no século XIX inglês, a disciplina, a retidão (seriedade - earnestness), a limpeza, o trabalho árduo, a autoconfiança, o patriotismo, entre outros. As virtudes eram também entendidas em suas conotações sexuais de castidade e fidelidade conjugal, o gerou a concepção popular Vitorianismo como obsessivamente puritano em suas caracterizações (MORAIS, 1999, p. 28-29).

Sustentando-se que a Era Vitoriana foi um período de valor estético e social, em que a condição do indivíduo era a sufocação por inúmeras exigências e regras sociais, tem-se que a base social da época era erigida a partir do meio familiar, e do

³ A Era Vitoriana é um período histórico transcendental que se inicia em 1837, notadamente com a coroação da rainha Vitória, e tem seu fim em 1901 com a morte da soberana. O período vitoriano é marcado de contrastes e contradições, o século XIX possui características peculiares com o surgimento do evolucionismo, positivismo, o puritanismo, pensamentos filosóficos, entre outros. Um período de intensa criatividade literária, a Era Vitoriana produziu literatura e escritores preocupados com a moral da sociedade baseando-se na ética protestante, a produção literária em geral da Inglaterra Vitoriana tem extremo valor social.

cultivo de certas virtudes. Essa época era explicitamente preocupada com a moral da sociedade e vivenciava a euforia de seu desenvolvimento político-econômico, do crescimento e do avanço tecnológico, como também a expansão das colonizações, sendo portanto, um período de transição do velho para o novo, encontrando a resistência de um povo tradicionalista. Uma onda de puritanismo delineou o comportamento social, que influenciou a produção literária da época. O romance foi o estilo literário preferido e vinha publicado em fascículos semanais, tendo como finalidade servir como entretenimento para as famílias. Logo, deveriam exaltar os valores morais e religiosos. A Literatura Vitoriana exerceu, sem dúvida, um papel social dos mais importantes como meio de educação moralizante, baseando-se em meios familiares, exaltando virtudes e impondo papéis. Como observa ainda Flávia Morais,

A Literatura, especialmente aquela denominada literatura pedagógica, com fins de aconselhamento, punha, por falta de senso crítico, as virtudes muito mais à mão das pessoas do que realmente estavam; tais textos ditavam normas e regras de comportamento como se fossem vestimentas fáceis de se adquirir e usar, para pessoas verdadeiramente serias e honradas, para cidadãos de um império que estava acima dos demais. Aparentemente, a vida humana era conduzida apenas pela vontade consciente. Futuramente, estudos psicanalíticos e filosóficos, como os de Freud sobre o inconsciente e a sexualidade, negaram isto e obrigaram os seres humanos à humildade de suas almas (psiques) divididas e problemáticas (MORAIS, 1999, p. 32-33).

Detentora de um grande talento, Kate Chopin, projeta um olhar renovado sobre a condição da mulher em *O Despertar*. Com a sua extrema sensibilidade de manusear a linguagem com a utilização das metáforas, Chopin nos presenteia com sua obra marcada pelo vigor dos símbolos e discursos, que percorrem o caminho interior da personagem Edna Pontellier rumo à auto-afirmação e começa a definir sua independência numa sociedade patriarcal. O romance da escritora nos convida à contemplação e à descoberta do feminismo no Sul dos Estados Unidos no final do século XIX. Chopin transmite a consciência da mulher sulista, celebrando a vida feminina em toda a sua diversidade e onde se ecoam as raízes das tradições, quebrando o silêncio e revelando as rupturas com o mundo patriarcal. A escritora utiliza as personagens como agentes de mudanças e reafirma a identidade feminina. Como os estereótipos femininos preencheram ao longo do tempo a imaginação da

cultura do Sul, Chopin começa a privilegiar a autonomia e a sexualidade da mulher. Essa demanda preencheu as vidas e as obras da geração de escritoras sulistas que assistiu ao virar do século. A infância de Kate Chopin não possui o testemunho da tradição de submissão das mulheres e da dominação do homem, pois ela cresceu rodeada por mulheres inteligentes e independentes

Em 1889, a autora começou a escrever ficção, desenvolvendo e expressando suas opiniões fortes sobre as mulheres, o sexo e o casamento. No auge de sua popularidade ela publica *O Despertar* (1899), marcando ironicamente o fim de sua carreira, por publicar em suas obras temas tabu como o divórcio, o erotismo e os preconceitos religioso e de gênero. A sua escrita vinha contra a moral estabelecida, e era necessário construir uma forte personagem feminina para representar o erotismo e a independência. Ninguém melhor do que Edna Pontellier, para contrariar a condição de inferioridade imposta à mulher.

Chopin nos surpreende pela sua habilidade na produção literária, sendo considerada uma mulher à frente de seu tempo. Hoje a sua narrativa é resgatada e considerada feminista por abordar temas tão atuais quando se pretende falar da reformulação da personalidade feminina na sociedade. Preocupada com os questionamentos acerca da liberdade pessoal do interior feminino, Chopin se deixa influenciar por Guy de Maupassant, escritor francês, pela sua percepção do comportamento humano e das complexidades das suas estruturas. Kate faz uma adaptação Maupassantina para a sua própria voz feminista, representando em sua obra a recusa das mulheres aos papéis pré-estabelecidos por um sistema patriarcal retrógrado.

SOBRE *THE AWAKENING*

O livro conta a história de Edna Pontellier, uma jovem mulher, casada com Sr. Léonce Pontellier, um rico comerciante *creole* de Nova Orleans, homem responsável e dedicado à família. O casal tem dois filhos: Raoul e Étienne. A história inicia com

uma viagem de férias no verão em que os Pontellier junto com outros amigos vão para Grand Isle, um resort no Golfo do México. A pousada pertence à Madame Lebrun que junto com seus filhos, Vitor Lebrun e Robert Lebrun, administram o lugar. Essa viagem marca o novo percurso desenvolvido por Edna. Após um mergulho no mar, Edna passa por inúmeras sensações e o seu despertar a faz questionar o seu papel passivo no matrimônio e os valores morais, rompendo com os papéis de mulher-esposa e mulher-mãe que lhes foram atribuídos.

Edna Pontellier conhece e passa todo o verão na companhia do jovem Robert Lebrun, depois de se tornarem amigos. O sentimento de amizade transforma-se em paixão e inicialmente Edna não desperta para as sensações que sente por Robert, até que ele vai embora para o México. Estas sensações afloram seus sentidos após mergulhar no mar: “uma rápida visão de morte acometeu sua alma e por um segundo apavorou e enfraqueceu seus sentidos” (CHOPIN, 2002, p. 55). Edna já não é a mesma, compreende-se como indivíduo e questiona a condição da mulher oitocentista. Quando as férias terminam, Edna retorna à sua casa na cidade em Nova Orleans. De volta à sua vida sente-se enclausurada em um casamento sem amor e sufocada pela rotina. Aumenta o seu desinteresse pela vida de esposa e isso faz com que ela rompa com as obrigações conjugais e maternas.

Lèonce percebendo que a mulher está agindo diferentemente de antes, procura o Doutor Mandelet, pois acredita que ela está desfalecendo psicologicamente. O marido precisa viajar a Nova York e as crianças são enviadas para ficar com a avó. Encontrando-se sozinha Edna decide sair da casa e passa a morar numa pequena casa que ela chama de “casa de pombos”. Ela então começa um relacionamento fracassado com Arobin, um admirador, e nessa transição ela decide fazer um banquete para celebrar a nova vida deixando claro que pretende viver sem medo e sem preocupações com seu amado. Porém Robert a quer como esposa e declara seu amor impossível, se despedindo com um bilhete: “- Eu a amo. Adeus – porque eu a amo” (CHOPIN, 2002, p.206).

Devastada, ela volta imediatamente para Grand Isle, lugar onde conhecera Robert Lebrun. Este é um episódio que está perfeitamente encapsulado nas emoções conflitantes contra as quais ela luta no decorrer da novela. A obra

termina com Edna permitindo-se ser ultrapassada pelas águas do Golfo do México e desfalecendo em busca da sua liberdade.

SIMBOLOGIA: CONCEITUAÇÕES TEÓRICAS

Este artigo é um mergulho na dimensão simbólica, numa tentativa de explicação do fenômeno abordado, dos pontos de vista da linguagem simbólica e psicológica. Buscamos a todo o momento compreender e entender o mundo à nossa volta, pois a humanidade ao longo de sua existência faz uma relação com os símbolos, sendo essa busca universal, visto que toda a humanidade se vê inserida nesse movimento de interpretação. Nesta introdução, começaremos com um esboço geral de conceitos e posteriormente passaremos ao papel desempenhado pelos símbolos, seguido de uma discussão dos elementos presentes na novela que influenciam na construção da individualidade da personagem Edna Pontellier.

Com a explicação iniciada anteriormente, entendemos que o termo *símbolo*, com origem na Grécia Antiga significa atar, unir, ligar, designa um elemento representativo que está no lugar de algo que tanto pode ser um objeto como um conceito ou idéia, com determinada quantidade ou qualidade, possuindo, portanto, uma relação transcendente. O símbolo é um elemento essencial no processo de interação por encontrar-se difundido pelo cotidiano e pelas mais múltiplas vertentes de acesso ao saber humano.

Embora existam símbolos que são reconhecidos internacionalmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto, baseando-se na questão religiosa, étnica, cultural etc. A representação específica para cada símbolo pode surgir como resultado de um processo natural ou pode ser relacionada com o modo que o receptor estabelece para fazer a interpretação do seu significado implícito e atribuir-lhe determinado propósito.

No pensamento esotérico, toda forma, idéia ou pensamento simbolizam algo que foi concebido num plano de inteligência superior. Por esse motivo, o símbolo é

uma linguagem básica de seus conhecimentos, representando uma verdade de ordem moral, mental ou espiritual. Além de conter em si muitos ensinamentos, os símbolos são utilizados como amuletos, a que se atribuem poderes de defesa e proteção. Imagens, objetos, gráficos, cores, aromas, sons, entre outros, são alguns dos símbolos usados pela humanidade como uma forma de atrair harmonização, saúde, equilíbrio, prosperidade para a vida pessoal ou profissional.

Sabemos que na Era Moderna os símbolos estão sendo muito mais aceitos que há tempos atrás. Cada nova descoberta nos revela a importância da estrutura do imaginário em nossa vida atual. O símbolo tem essa capacidade de sintetizar, consciente e inconscientemente, todas as influências do pensamento humano, desde épocas remotas, do seu passado arcaico, de sua herança biopsicológica até os dias atuais, sem perder sua força e sua expressão. Como o símbolo tem essa multiplicidade de significados, aquele significado selecionado por nós pode ter uma correspondência estreita com nosso modo de ser e com nossa personalidade. Além disso, sob a perspectiva da escola junguiana, os símbolos são encarados como acumuladores, transformadores e condutores de energia psíquica. Do ponto de vista qualitativo, os símbolos podem ser considerados como imagens e signos de realidades psicológicas de muitas espécies.

O símbolo está enraizado nas nossas representações da linguagem, e a ligação entre o símbolo e a interpretação é uma questão fundamental que permite dar consistência ao sentido do símbolo, já que ele é um meio de expressão do mistério que não pode ser decifrado. O nosso estudo se refere à dimensão simbólica presente na literatura como o lugar de transmissão de uma cultura e por isso ela se imortaliza e não perde valor. Ainda que haja mudança na língua, na forma e na sintaxe, percebemos que ele contribui na intensificação da relação com o transcendente.

David Fontana (2010) oferece-nos um compêndio de sistemas simbólicos e revela uma compreensão de mensagens profundas transmitidas pelos símbolos, como veremos a seguir:

Os símbolos são expressões profundas da natureza humana e ocorrem em todas as culturas e em todos os tempos. Desde sua primeira aparição nas

cavernas do Paleolítico, eles têm acompanhado o desenvolvimento da civilização e, se considerados em seu devido contexto, ainda se comunicam de maneira poderosa com nosso intelecto, emoções e espírito (FONTANA, 2010, p. 9).

A linguagem simbólica é essencial à existência da humanidade, que sempre utilizou símbolos para se expressar, como podemos observar desde o Paleolítico, que esses sinais, tanto escritos quanto falados, vêm acompanhando o desenvolvimento da comunicação por civilizações. Esses elementos simbólicos estão sendo representados por suas formas complexas como os mitos, os sonhos, as lendas, os contos de fadas, as pinturas parietais, sendo também utilizados nas diversas religiões e nas obras de arte. Podemos observar essa questão na citação de Ana Leal Cardoso:

Jung afirma que os arquétipos se expressam através dos símbolos, estes, por sua vez, emergem do inconsciente coletivo e surgem de modo espontâneo, sobretudo em tempos de grande necessidade como forma de compensar a energia psíquica. Para Muray Stein (2003, p.80), os símbolos franqueiam-nos o caminho do acesso ao mistério; além disso, combinam elementos de espírito e instintividade, de imagem e pulsão (CARDOSO, 2008, p.252).

O psicanalista Carl Jung usou o termo “arquétipo” para nomear os símbolos universais mais constantes e eficientes na estimulação do psíquico humano. Sua teoria dos arquétipos explica o mundo através do próprio homem, das imagens internas de seu espírito e das profundezas de seu inconsciente. Além dessa função integradora dos símbolos, sabemos que Jung, desenvolveu sua própria teoria sobre os grandes símbolos da humanidade. Dessa forma, os símbolos se apresentam para nós como conteúdos distintos, mas seu sentido essencial está presente na estrutura universal das formas arquetípicas. Assim como o tempo e o espaço, essas formas estruturais arquetípicas podem agregar infinitos conteúdos, mas não estão limitadas ou restritas a eles. Os símbolos estão em constantes transformações, e o nosso conhecimento sempre estará limitado a essa percepção pelas diferenças entre indivíduos, culturas, épocas, sociedades, etc. Além disso, para compreender a

linguagem dos símbolos, é necessário compreender a linguagem do inconsciente. É próprio da natureza do símbolo romper as palavras, que serão indispensáveis para sugerir a extensão do seu sentido. A linguagem simbólica é de extremo poder, sua expansão possui a capacidade de captar vasto campo, pois ultrapassa as fronteiras da cultura, do tempo e do espaço. Contendo em si toda a energia e força do conceito que lhe deu origem, o símbolo trabalha em nossa mente como um mecanismo de associações. Cada nova descoberta nos revela a importância da estrutura dos elementos simbólicos e a sua função “simbolizante”. Nas últimas décadas, as pesquisas psicológicas sobre o inconsciente incentivaram o interesse pelo estudo dos símbolos e Jung destacou-se em suas pesquisas ao utilizar o termo “arquetipo” para nomear os símbolos universais mais constantes e eficientes na estimulação do psíquico humano, como já foi abordado.

As primeiras representações simbólicas remontam ao paleolítico, com imagens de atividades cotidianas e manifestações de crença no sobrenatural desenhadas nas cavernas. Desenhos de homens mascarados vestidos com peles de animais são uma forte manifestação de que eles acreditavam no poder e na força que este material simbólico, podia lhes transmitir. Hieróglifos, pinturas parietais, esculturas e a própria arquitetura demonstram a força da simbologia nas antigas civilizações. Como exemplo, podemos pensar nos mistérios e nos segredos que até hoje envolvem as pirâmides do Egito. Muitos dos símbolos de mistério permanecem vivos até nossos dias, representando forças superiores da natureza, incompreensíveis à sabedoria racional.

OS SÍMBOLOS DO DESPERTAR DE EDNA PONTELLIER

Nesta análise dos símbolos do despertar de Edna Pontellier foram examinados alguns postulados teóricos de Jung (1978), Sartre (2010) e a Eliade (1992). A partir de agora vamos elaborar nosso estudo baseando-nos numa associação entre os discursos conflitantes com a linguagem simbólica presentes no

romance, focalizando, sobretudo as mudanças da nova individualidade da protagonista. O romance de Chopin é repleto de elementos simbólicos que precisam ser explorados, pois interferem na construção de Edna como sujeito enunciador do seu próprio discurso. Para os propósitos a que se propõe a presente discussão, é importante estabelecer que o princípio dos símbolos é fundamental para a interpretação dos sentidos da linguagem simbólica e dos fios discursivos que influenciam as ações da personagem.

Poucas palavras são tão fascinantes para o público como o termo personalidade. Este termo se refere a tudo que diz respeito ao indivíduo; é aquilo que ordena e harmoniza todas as formas de comportamento, em que a personalidade se compõe de um conjunto de valores usados para caracterizar o sujeito. Através desta perspectiva, podemos compreender que a protagonista se vale da presença dos símbolos e de outros discursos, na trajetória de transição de objeto para sujeito de seu próprio discurso. Analisaremos assim, diferentes discursos: o discurso da mulher-mãe, o discurso da mulher-esposa e o discurso da independência feminina como símbolos presentes e que influenciam no enunciado de Edna. Em *O Despertar* Kate Chopin define o tema principal de toda a sua extensiva ficção: a afirmação da identidade feminina no seio da família patriarcal. Na Era Vitoriana inicia-se um processo de individuação através do qual certas mulheres se dão conta de sua situação inferior em oposição ao homem, reconhecem todos os seus sofrimentos como seres humanos, admitem suas contradições e revoltam-se, indo em busca de uma solução para seus problemas existenciais.

O caminho percorrido em busca da individualidade feminina é essencialmente evolutivo, pois ele transpassa da simples consciência de uma voz interior para um profundo conhecimento de si, determinando o nível de autonomia e de autoconsciência da personagem. O cenário onde se passa a história do despertar de Edna Pontellier é carregado de simbologias possíveis de interpretação. Uma vez que o espaço está integrado às personagens, faremos uma análise de alguns dos mais importantes elementos que fazem parte do desenvolvimento da ação, a começar pelo próprio título do romance, usado metaforicamente, e posteriormente pelos elementos que influenciam o despertar da personagem.

O DISCURSO DA MULHER-MÃE

A representação feminina da época oitocentista nos deixa ver uma mulher enraizada num processo de submissão, tendo papéis e tarefas bem definidos. Chopin, através do afloramento do discurso de Edna Pontellier, contesta esse modelo subjugado. O discurso de Adèle, metaforizado pelas asas, a remete ao arquétipo materno, complexidade que envolve a figura da mãe para quem foi atribuída a idealização do amor e da afeição. A nossa análise abordará dois elementos simbólicos, Adèle e as crianças, que interferem na enunciação da protagonista.

Em suma, a Sra. Pontellier não era uma mulher-mãe. As mulheres-mães pareciam predominar naquele verão em Grand Isle. Era muito fácil reconhecê-las, batendo suas asas estendidas, protetoras quando qualquer mal, real ou imaginário, ameaçava suas preciosas ninhadas. Elas eram mulheres que idolatravam seus filhos, veneravam seus maridos, e consideravam um santo privilégio anular-se como indivíduos e cultivar asas como anjos auxiliares (CHOPIN, 2002, p.19).

Adèle Ratignolle vem ser a típica ‘madona’, a mulher do lar, que vive para as crianças, a casa e o marido, correspondendo às ideologias vigentes: a mãe é associada a um anjo que tem a função de proteger sua família. Assim, Edna e Adèle se diferenciam neste ponto, como veremos a seguir:

Ele (Lèonce) repreendeu sua esposa por sua desatenção, sua habitual negligência com as crianças. Se não fosse a função de uma mãe tomar conta de crianças, de quem seria afinal? Ele próprio estava ocupado com seu negócio de corretagem. Ele não podia está em dois lugares ao mesmo tempo: ganhando a vida para a sua família na rua e ficando em casa para garantir que nenhum mal lhes acontecesse (CHOPIN, 2002, p. 15).

De fato Edna parece bem menos interessada nas coisas que dizem respeito às crianças do que, por exemplo, Madame Ratignolle, que costura roupas de inverno para as crianças em pleno verão:

Eles (os moldes de pijamas) foram desenhados para serem usados no inverno, quando ameaçadoras correntes de ar vêm pelas chaminés e traiçoeiras correntezas de frio implacável acham seu caminho através de buracos de fechaduras. (...) A consciência da Sra. Pontellier estava muito tranqüila a respeito das necessidades materiais de seus filhos e ela não via

propósito em antecipar-se e fazer de vestimentas para noites de inverno o motivo de suas meditações no verão (CHOPIN, 2002, p. 20-21).

A constatação de que Edna é uma mãe negligente permanece no decorrer do romance, onde Chopin nos mostra a condição de submissão da mulher aos moldes tradicionais e à escravidão da mãe em detrimento da mulher.

Naquele verão em Grand Isle ela começou a afrouxar um pouco o manto que sempre a cobrira. Pode ter havido – deve ter havido – influências, tanto sutis quanto aparentes, esforçando-se de varias maneiras para a induzir a isso; mas a mais obvia era a influencia de Adèle Ratignolle (CHOPIN, 2002, p. 30).

No romance ocorrem duas associações à mulher-mãe: ela é modulada como pássaro e anjo, aludindo respectivamente à natureza e à religião. Sendo comparada a esses elementos simbólicos, a mãe deve ter asas para proteger seus filhos.

Consoante Chevalier e Gheerbrant, “de modo ainda mais geral, os pássaros simbolizam os estados espirituais, os anjos, os estados superiores do ser” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007, p. 687). Edna não questiona o amor materno e sim revela a sua insubordinação aos moldes tradicionais e a rebeldia à escravidão da mãe em detrimento da mulher. Atrelado à esfera do lar e da domesticidade, eis a opinião de Adèle sobre a mulher-mãe: é preciso escolher entre ela mesma e as crianças, já que Edna não abriria mão de si mesma. Esse discurso contradiz com o próprio despertar da subjetividade da protagonista.

O DISCURSO DA MULHER-ESPOSA

Inserido no discurso de mulher-esposa, vejamos os símbolos que se apresentam como metáforas no romance:

a) o anel - “Ele aparece como o signo de uma aliança, de um voto, de uma comunidade, de um destino associado” (CHEVALLIER, 2007, p. 53). Através da análise interpretativa do anel, podemos associá-lo à condição da mulher dentro do

matrimônio, pois sua significação está aliada à união, ao enlace e ao casamento. A mulher vem a ser um ser administrado pelo marido, como vemos no texto de Foucault:

Mas o casamento exigia um estilo particular de conduta, sobre tudo na medida em que o homem casado era um chefe de família, um cidadão honrado ou um homem que pretendia exercer, sobre os outros um poder ao mesmo tempo político e moral; e nessa arte de ser casado, era o necessário domínio de si que devia dar uma forma particular ao comportamento do homem sábio, moderado e justo (FOUCAULT, 1997, p. 8).

Como se pode ver, a mulher é colocada em posição de subordinação ao marido. Esse aspecto de conformismo vai sendo ostentado frente aos costumes impostos. A nossa interpretação destaca a condição da mulher no matrimônio e a influência do poder, representado pelo anel, sobre a pessoa que o exerce. Relacionando a representação simbólica do anel, vinculamos a compreensão do papel significativo do símbolo a ser estudado e interpretado em seu processo de construção de um novo papel para Edna. Vejamos essa representação no primeiro capítulo:

Ela ergueu suas mãos, fortes, mãos bem torneadas, e as estudou criticamente, arregaçando suas mangas acima dos pulsos. Olhá-las lembrou-a de seus anéis, que havia dado ao seu marido antes de ir à praia. Ela silenciosamente estendeu a mão ao marido e este, entendendo, tirou os anéis do bolso de seu colete e os deixou cair em sua mão espalmada. Ela os colocou em seus dedos (...) (CHOPIN, 2002, p.10).

Chevalier (2001, p. 21), afirma que o símbolo separa e une; comporta as duas ideias de separação e de reunião; evoca uma comunidade que foi dividida e que se pode reagrupar. Todo signo comporta uma parcela de signo partido; o sentido do símbolo revela-se naquilo que é simultaneamente rompimento e união de suas partes separadas. A colocação do anel vem representar o domínio exercido sobre ela. Edna afirma ter consciência do seu significado e do seu servilismo. No decorrer da narrativa encontramos outra atitude de Edna em relação ao símbolo, desta vez sua conduta é em reação aos papéis a ela atribuídos como mulher, mostrando a sua necessidade de libertação:

Quando parou, tirando sua aliança de casamento, atirou-a no carpete. Ao vê-la caída ali, pisou-a com o calcanhar, esforçando-se para esmagá-la.

Mas o pequeno salto de sua bota não fez um talhe, uma marca se quer no anelzinho brilhante. (...) – E aqui está seu anel, madame, debaixo da cadeira. Edna estendeu sua mão, e pegando o anel, colocou-o no dedo (CHOPIN, 2002, p. 99-100).

É evidente que o enraizamento dos valores morais está restringindo a construção da individualidade feminina. Constatamos que o símbolo relaciona-se ao poder de Lèonce sobre Edna. Chamamos a atenção para o fato de que apesar de tentar sair desse contexto Edna tem a função de um ser domiciliar correspondendo ao estereótipo de mulher submissa às normas sociais.

b) A casa - Percebemos o deslocamento de Edna entre quatro casas, que metaforicamente se relacionam com os estágios percorridos por ela em busca de sua subjetividade. Segundo Chevallier “a casa significa o ser interior (...). A casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal” (CHEVALIER, 2007, p.197). A cabana em Grand Isle é um lugar ocupado principalmente por mulheres e crianças, cheia de símbolos associados aos valores tradicionais. Na casa de Madame Lebrun encontramos elementos designados à esfera feminina, como o piano e os pássaros, símbolos que fazem referência às mulheres, confinadas aos papéis de mãe e esposa submissa. A cabana de Madame Antoine simboliza a mudança do despertar de Edna para o conhecimento do próprio corpo. Ela dorme e descansa na grande cama branca, exótica com o doce cheiro campestre de louro nos lençóis. Depois de se despir pela metade, ela tateia seu copo. No trecho a seguir veremos a presença da sua sensualidade:

Olhou para seus delgados braços e os manteve esticados para cima e os esfregou um depois do outro, observando-os cuidadosamente, como se fosse algo que ela visse pela primeira vez, a bela, firme qualidade e textura de sua carne. Ela juntou as mãos confortavelmente atrás de sua cabeça e foi assim que adormeceu (CHOPIN, 2002, p. 71).

A casa dos Pontellier em Nova Orleans é uma casa branca, o que para Chevallier representa uma “cor de passagem”, no sentido a que nos referimos quando falamos dos ritos de passagem: “e é justamente a cor privilegiada desses ritos, através dos quais se operam as mutações do ser, segundo o esquema clássico de toda iniciação: morte e renascimento” (CHAVALLIER, 2007, p. 141).

A casa é o lugar dos deuses domésticos do Sr. Pontellier, suas posses, que faz questão de admirar: cortinas, carpetes, tapetes, a prataria, etc. Edna também é um dos pertences do Sr. Pontellier, suas tardes de terça são exclusivas para recepcionar a sociedade. No entanto, depois de seu despertar, ela não mais segue esse papel imposto por Lèonce. Por último temos a casa de pombos, onde Edna finalmente sente-se "em casa" pronta pra sua nova vida. Edna leva apenas o que é seu, a partir de agora ela decide sobre sua privacidade, aliviada de não ser e nem pertencer mais ao Sr. Pontellier. Ela fica satisfeita com o seu espaço íntimo:

Havia em Edna um sentimento de ter descido na escala social e uma correspondente sensação de ter subido na espiritual. Cada passo que ela dava em direção a se libertar de obrigações somava-se a sua força e sua expansão como um indivíduo. Ela começou a ver com os próprios olhos: a ver e compreender as tendências ocultas da vida. Não mais ela estava satisfeita em "alimentar-se da opinião dos outros" quando seu próprio espírito se despertara (CHOPIN, 2002, p. 173).

Claros símbolos de repressão estão contidos nessa dicotomia feminino/masculino colocando o homem como o criador e detentor do poder em oposição à mulher como a criatura e submissa. O corpo feminino está reprimido e enclausurado pela opressão patriarcal, colocando-o ligado a vida privada para exercer o papel de mãe e esposa.

O DISCURSO DA INDEPENDÊNCIA FEMININA

a) Banho no mar - Desde a Antiguidade que a água faz parte da fonte de energia e vem sendo associada como meio de purificação, renovação e renascimento da existência da vida humana. Logo, as religiões que sempre utilizaram os símbolos como uma ponte para a espiritualidade, vincularam a água à imagem do batismo cristão. Uma grande representação do batismo encontra-se na Bíblia com o batismo de Jesus Cristo no rio Jordão. O banho de uma forma geral é interpretado como uma forma de libertação das coisas impuras e sujas que ocupam o nosso corpo e alma. Simbolicamente o banho de Edna vem dar início ao despertar da sua nova concepção como indivíduo. Ao mergulhar e nadar no mar, ela sente profundas transformações e uma sobrecarga de sentimentos e emoções que a dilaceram metaforicamente. Como consciência do seu processo de

enclausuramento, ela passa pelo primeiro ponto do despertar quando começam a emergir os sentimentos, que entram num processo de transmissão de vida.

O despertar de Edna Pontellier, no romance está intimamente relacionado à voz do mar, que “é sedutora, nunca cessa, sussurrando, clamando, murmurando, convidando o espírito a vagar nos abismos da solidão” (CHOPIN, 2002, p. 210). Essa relação simbólica entre a protagonista e o mar é tão profunda que exerce sobre ela uma forte atração, despertando seu corpo e sua alma. O mar corresponderia à cabana iniciática, como diz Eliade (1992). Daí a primeira caminhada rumo à autonomia, o despertar para a sua independência e a reflexão sobre sua posição enquanto mãe, esposa e mulher. É a partir de seu despertar no mar que Edna dá iniciação à sua busca de enunciação como agente de sua emancipação. A partir desse renascimento ela começa a descortinar o manto que sempre a envolvera e com essa ocorrência ela descobre os seus primeiros sintomas da paixão.

Um sentimento de exultação a tomou, como se um poder de grande importância lhe tivesse sido dado para controlar o funcionamento de seu corpo e sua alma. Ela tornou-se ousada e descuidada, superestimando sua força. Queria nadar para longe, para onde nenhuma mulher havia nadado antes (CHOPIN, 2002, p. 54).

De acordo com o Dicionário de símbolos de Chevalier e Gueerbrant o mar é fonte de nascimentos, transformações, renascimentos, dinâmica de vida, mas, igualmente, imagem da morte, pois se tudo sai do mar, também a ele retorna: “Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes e as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de certeza, de dúvida, de indecisão, e que se pode concluir bem ou mal” (CHEVALIER & GREENBRANT, 2007, p.592).

Percebemos que o ato de entrar na água e dela sair possui uma semelhança com o ato de mergulhar no inconsciente, enquanto que ser lançado à água é similar a ser entregue ao seu próprio destino proporcionando a sensação de libertação e de controle sobre suas forças, tanto o domínio do corpo como da alma. Esse poder de ir

mais longe onde nenhuma mulher ousaria tentar dá importância à subjetividade feminina:

Ela virou seu rosto em direção ao mar para ter uma impressão de espaço e solidão, que a vasta expansão de água, encontrando-se e fundido com o céu enlutarado, dava à sua excitada fantasia. Enquanto nadava, parecia está procurando o ilimitado no qual se perder. (...) Uma rápida visão de morte acometeu sua alma e por um segundo apavorou e enfraqueceu seus sentidos. Mas, por meio de um esforço, ela recobrou suas vacilantes faculdades e conseguiu chegar à terra (CHOPIN, 2002, p. 55).

Edna já não é a mesma: após sair do mar e retirar-se da presença dos amigos ela caminha para seu chalé e deita-se na rede da varanda. Ao encontrá-la, seu marido questiona por que ela está ali. Ela se recusa a entrar e aqui temos a percepção das primeiras atitudes por ela tomadas em direção à libertação: a esposa e mãe dá espaço a uma nova mulher que age por vontade própria. Edna deixa de seguir os dogmas da sociedade e passa a agir por seus próprios impulsos:

Mil emoções passaram por mim esta noite. Eu não entendo metade delas. Não ligue para o que estou dizendo. Estou apenas pensando alto. Eu me pergunto se ficarei novamente tão emocionada como com a apresentação do piano que Mademoiselle Reisz tocou esta noite. Eu me pergunto se alguma noite nets vida vai ser igual a esta. É como uma noite em um sonho. As pessoas perto de mim são como uns seres misteriosos, meio-humanos. Deve haver espíritos por perto esta noite (CHOPIN, 2002, p. 56 - 57).

O despertar de Edna Pontellier no romance está intimamente relacionado a uma voz que vem do mar. Esta simbologia se faz procedente na associação entre vida e a morte da protagonista. Sem sombra de dúvida, é a partir do mar que Edna inicia seu aprendizado em busca de sua emancipação: ele está presente quando ela começa a soltar-se, descortinando a reserva que sempre a envolvera experimentando sensações inusitadas e, finalmente, entregando-se às suas águas para nele desaparecer.

b) Arte e Música - Podemos observar que o despertar de Edna está apoiado em atitudes e linguagens que lhe permitem alçar voos na sua trajetória enquanto mulher. Auxiliada por Mademoiselle Reisz, Edna irá despertar para a necessidade da sua independência. Como Mademoiselle Reisz, se contrapõe à imagem da “madona”, ela simboliza a liberdade e independência através da arte.

Esta serve de modelo para Edna ao usar a arte como um meio de auto-expressão: o seu desempenho musical a coloca como uma *outsider*⁴ na sociedade crioula, em que ela é rejeitada e desacreditada :

Não havia nada que tanto acalmasse o turbilhão nos sentidos de Edna quanto sua visita a Mademoiselle Reisz. Era então, na presença desta personalidade, que lhe era tão ofensiva, que a mulher, com sua divina arte, parecia atingir o espírito de Edna e libertá-lo (CHOPIN, 2002, p.146).

A música tocada por Mademoiselle Reisz desperta em Edna sentimentos novos que a levam a descobrir territórios inexplorados emocionalmente.

Os primeiros acordes que Mademoiselle Reisz bateu em cima do piano enviou um tremor afiado a coluna vertebral da Sra. Pontellier. Ela não foi a primeira vez que ouvira um artista ao piano. Talvez tenha sido a primeira vez que ela estava pronta, talvez a primeira vez que ela estava sendo tentada a ter uma impressão da verdade permanente (CHOPIN, 2002, p.51).

Quando a heroína decide sair da sua mansão em Nova Orleans ela pretende viver da venda de seus quadros. Suscitando a dinâmica do mundo artístico em suas diferentes formas de expressão, Mademoiselle Reisz questiona a decisão de Edna:

- Não a conheço o suficiente para dizer. Eu não conheço seu talento ou seu temperamento. Ser um artista implica muitas coisas: deve-se possuir muitos dons – dons absolutos – que não foram adquiridos por esforço. E, além do mais, para ter sucesso, o artista deve possuir a alma corajosa (CHOPIN, 2002, p.118).

A música eleva o espírito da protagonista tornando-se para ela um símbolo de liberdade. Através da pintura ela tenta se tornar uma artista, capaz de expressar-se e também de adquirir sua independência econômica do marido. A protagonista apresenta uma extrema sensibilidade em relação à música e à pintura, o que a faz começar a tomar decisões:

Edna era o que ela mesma chamava de apreciadora da música. Acordes musicais, bem tocados, evocavam-lhe cenas em sua mente. Ela às vezes

⁴ Outsider designa alguém que não faz parte do contexto, sempre representado como forasteiro ou intruso.

gostava de sentar-se na sala nas manhãs em que Madame Ratignolle tocava ou praticava. (...) Os primeiros acordes que Mademoiselle Reisz tocou no piano causaram um tremor pungente pela espinha da Sra. Pontellier. Não era a primeira vez que ela ouvia um artista ao piano. Talvez fosse a primeira vez que ela estivesse pronta, talvez a primeira vez que seu ser estava disposto a ser marcado pela verdade eterna (CHOPIN, 2002, p.51).

c) Os pássaros - O romance inicia com a presença significativa dos pássaros, que lhe conferem um espetáculo exterior de beleza. É evidente que essas aves, confinadas às grades e sem qualquer expressão de liberdade, são símbolos que metaforizam a prisão em que também estão confinadas as mulheres vitorianas. Assim, os pássaros engaiolados servem como lembretes do aprisionamento de Edna aos papéis de esposa e mãe conferidos às mulheres da sua época. Como o papagaio encarcerado na gaiola, os movimentos das mulheres são limitados pelas normas da sociedade. Edna demonstra o seu desejo de liberdade, o desejo de escapar de seu papel como mãe e de seu marido Léonce, que a mantém em uma espécie de gaiola social. Após o Verão em Grand Isle ela começa a expressar seu desejo de independência em Nova Orleans através da mudança para sua própria casinha, a “casa de pombos”, onde ela quer aproveitar o sentimento de liberdade e independência, levando apenas as coisas que possui. No final, porém, a pequena casa não será a solução que Edna tanto espera. Ela representa a sua incapacidade de afastar-se mover-se de sua antiga vida.

Uma das mais importantes personagens secundárias de *O Despertar*, Mademoiselle Reisz fornece a Edna a música que eleva seu espírito, despertando a sua alma. A artista vê a protagonista como um pássaro, que pretende voar para livrar-se das convenções da sociedade e de suas responsabilidades como esposa e mãe, mas a adverte: A ave que quiser elevar-se acima do nível normal da tradição e preconceito deve ter asas fortes. É um espetáculo triste ver os fracos feridos, exaustos, batendo asas de volta à terra (CHOPIN, 2002, p. 154).

O símbolo do pássaro está associado à elevação e na última cena da novela Chopin utiliza novamente esse símbolo, numa imagem muito similar à descrita por Mademoiselle Reisz, quando ela comenta que é preciso ter uma alma corajosa se realmente quiser alçar vôos mais altos que a planície: “Um pássaro com

uma asa quebrada estava voando no ar acima, girando, batendo as asas, descendo aleijado em círculos, descendo para a água “(CHOPIN, 2002, p. 210).

d) A ceia - Com a ausência do marido e dos filhos, Edna organiza uma ceia para celebrar a sua transição de um estado a outro. Ela deixa claro que o jantar é um acontecimento grandioso e seus melhores adereços serão utilizados. A descrição da mesa sugere um ambiente requintado de uma ceia real em que Edna reinará soberana e iluminada pela alegria, pela comunhão com seus amigos e pela beleza. “Será muito fino, tudo o que tenho de melhor – cristal, prata e ouro, Sèvres, flores, músicas e champanhe para se nadar nela. Deixarei Lèonce pagar as contas. Eu imagino o que ele dirá quando vir as contas” (CHOPIN, 2002, p.158).

O banquete é um acontecimento grandioso, uma celebração da nova vida da mulher que se liberta dos laços matrimoniais e vai à busca da sua autonomia. Soberana, ela reina e triunfa no último evento produzido na mansão, sendo comparada a Vênus, a deusa do amor. Os outros personagens são coadjuvantes no seu processo de libertação.

Vênus surgindo da espuma não poderia ter apresentado um espetáculo mais extasiante que a Sra. Pontellier, cintilando com beleza e diamantes na cabeceira da mesa, enquanto as outras mulheres eram todas jovens huris, possuidoras de incomparáveis encantos (CHOPIN, 2002, p.207).

A abordagem de Eliade (1992, p. 291) é fecunda para que se entenda a simbologia do ato praticado por Edna ao dar essa festa: uma ação que incorpora um ato de regeneração para uma nova etapa de vida e como semente a ser frutificada, Edna precisa partilhá-lo com os outros numa festa coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho acompanhamos a trajetória da personagem Edna Pontellier, em sua peregrinação para construir o seu próprio discurso, passando de objeto a sujeito da elocução. A enunciação desse discurso é mediada pelos discursos que a cercam, através dos símbolos que se encontram no decorrer da narrativa. É através da protagonista que a autora expõe sua escrita de viés feminista de forma determinada se encarregando da desconstrução da oposição homem/mulher, opondo-se aos valores culturais, sociais e morais da Era vitoriana através do seu comportamento atípico.

Um dia desses eu vou me controlar por um minuto e pensar - tentar determinar que tipo de mulher que eu sou; pois, sinceramente, eu não sei. Em todos os códigos dos quais eu tenho conhecimento eu sou uma espécime demoníaca e cruel do sexo. Mas de alguma forma não consigo convencer-me de que sou. E tenho que pensar sobre isso. (CHOPIN, 2002, p. 153)

Essa construção foi possível através da associação dos elementos simbólicos aos respectivos discursos, uma vez que as suas ações e atitudes são midiaticizadas pela sua fala. Assim, chegamos à conclusão de que a busca da individualidade feminina é essencialmente evolutiva, pois as imagens metafóricas organizam o discurso carregado de simbologias passíveis de interpretação.

O desenvolvimento da interioridade da mulher atinge maior importância na aquisição de autonomia e identidade, analisando a protagonista notamos a disparidade feminina que aparece de uma forma mais complexa e mais descarnada. Ocorrendo ao longo da narrativa uma construção mais plural e mais detalhada da representação de Edna Pontellier em construir-se como sujeito capaz de enunciar seu próprio discurso.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade das relações humanas. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BURGES, Anthony. **A Literatura Inglesa**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

CARDOSO, Ana Leal. O arquétipo do feminismo demoníaco na Literatura. In: (Org.) SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Identidades de gênero e práticas discursivas**. Campina Grande – Paraíba: EDUEP 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva. 21º Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CHOPIN, Kate. **O despertar**. Trad. Carmen Lúcia Foltran. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FONTANA, David. **A Linguagem dos Símbolos**: um compêndio visual para os símbolos e seus significados. Trad. Camila Zanon. São Paulo: Madras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michele. **A mulher/ os rapazes**: História da sexualidade. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MORAIS, Flavia D. C. **A evolução da modernidade na filosofia e na literatura: a Literatura Vitoriana como tradução moralizante no ensino de uma época**. Campinas, 1999. 145 p. Dissertação do Mestrado (Filosofia e História da Educação) – UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, Vozes, 1978. VII.

_____. **Psicologia do inconsciente**. Trad. Maria Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1978. VII.

PERROT, Michele. **Mulheres públicas**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de. SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SCHULTZ, Duane P. SCHULTZ, Sydney Ellen. **Teorias da personalidade**. Trad. Eliane Kanner. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e história**: homens, mulheres e a prática histórica. Trad. Flávia Beatriz Rossler. Bauru, SP: EDUSC, 2003.